

Sr.<sup>a</sup> D. ZULMIRA D'ALMEIDA, distinta amadora de pintura e piano — (Clichê do distinto fotografo amador J. Almeida)

N.<sup>o</sup> 370 Lisboa, 24 de Março de 1913

Assinatura para Portugal, colonias  
portuguezas e Hespanha:

Ano, 4,800—Semestre, 2,400—Trimestre, 1,200

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Dirêtor e Proprietario: J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSE<sup>s</sup> JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-  
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 41

# GRATIS AOS HERNIADOS

Um methodo simples que tem curado centenas de pessoas, sem Dôr, sem Perigo, sem impedir o trabalho e sem perda de tempo

## OFFERECE-SE A TODOS UMA EXPERIENCIA GRATUITA

A hernia (quebradura) é curavel sem operação, dôr, perigo ou perda de tempo. Quando dizemos curavel, não queremos dar a entender que a quebradura possa unicamente reter-se, mas sim que se effectua uma cura que permite deixar de usar funda.

A fim de levar a todos o convencimento de que a nossa descoberta pode effectivamente curar, pedimos que façam uma experiencia, que nada lhes custará. Curar significa fazer cessar todo o sofrimento, augmentar o vigor physico e mental, a facultade de gosar de novo as delicias da vida e muitos annos de bem estar e satisfação accrescentados á vida. Offerecemos gratuitamente uma amostra do nosso tratamento, que tem curado em centenas de casos.

Não é necessario mandar dinheiro, basta preencher o coupon que se segue, indicando no desenho a posição da quebradura, e mandarnos o coupon. Ninguém deve descurar, um só dia, este importante assumpto, nem continuar a atormentar-se com fundas compradas feitas, baratas e communs.

Esta offerta é a mais equitativa que se tem feito e todos os que padecem de hernia a deveriam aproveitar immediatamente.

### COUPON (S 161.)

Marque-se n'esta illustração a posição da quebradura e responda-se ás perguntas. Em seguida corte-se o coupon e mande-se ao **Dr. W. S. Rice, 8 e 9, Stonecutter Street, Lon. res, E. G.**



Que idade tem?

Incomodado a quebradura?

Usa funda?

Nome .....

Domicilio .....

# Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

riana e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (P. bergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de sei. milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. To e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de lôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escritorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manoal, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telephonic: **Lisboa, 605 — Porto, 117**

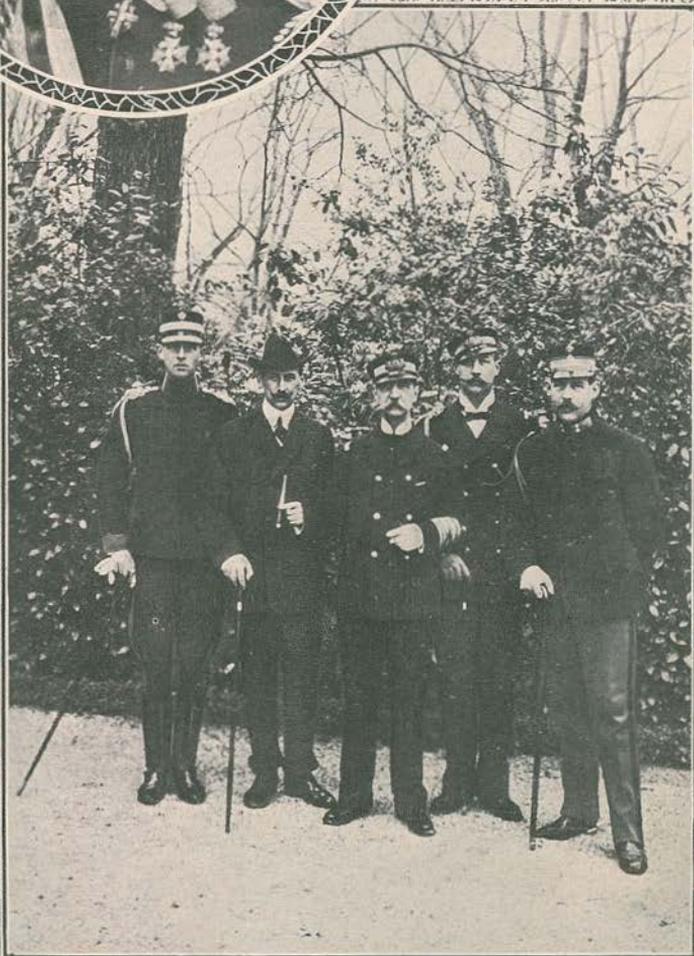
### MEDALHA DE OURO, EXPOSIÇÃO UNIVERSAL PARIS 1000

Um perfume fortissimo de inexcédível aroma n'um frasco muito elegante de cristal finissimo. Encontra-se em todas as boas casas que vendem perfumarias.

## A MORTE DO REI DA GRECIA

O rei Jorge I da Grecia, quando passava nas ruas de Salonica, em 18 de março, foi alvejado a tiros de revolver por um grego chamado Alexandre Schina, que o matou. As balas atravessaram o peito do soberano e o assassino do rei, interrogado acerca do seu ato, declarou-se socialista, não mostrando pesar pelo que fizera.

O atentado causou verdadeiro pasmo e a imprensa estrangeira diz que ele influirá na questão balcânica.



1. O rei Jorge I da Grecia assassinado em Salonica, em 18 de março de 1913, por um grego chamado Schina e que se disse socialista.  
2. O rei Jorge I da Grecia com seus filhos os principes Constantino, atual rei, Jorge, Nicolau, André e Christophoros.  
(Cliché Chusseau Flaviens)

# FLORES... POEIRA DE ESTRELAS

As estrelas fragmentam-se e pulverizam-se, hora a hora, pelo espaço infinito; formam assim uma luminosa e doirada poeira, caindo constantemente sobre a superfície da terra.

Momento a momento, cada leivageradora é infiltrada por esse verdadeiro pólen radiativo que, integrando-se na fisiologia molecular dos seres vegetaes, os fecunda e lhes faz crear as flores.

Sim! as flores são uma poeira de estrelas, irradiando da terra.

As flores e as mulheres também.

Se na delicadeza das

nossas referencias á mulher, tanta e tanta vez, sem ser n'um perfume de lisonja, as enfeitamos com o diadema d'uma palavra toda luz e elevação—astro—porque não hão de as mulheres—verdadeiras irmãs das flores—merecer o

apreço de as considerarmos igualmente originadas do mesmo germen de beleza e de candura?

A flôr e a mulher, entre os seres do globo, formam a unica dualidade que entre si mais se identifica, pois nenhuma outra possui, em tão subida intensidade, os caracteristicos da mesma ana-



E, assim, quantas vezes o nosso olhar não se ha volvido para o logar d'onde nos parece vir a ondulação d'estas palavras de ternura e meiguice, pronunciadas pela boca ciosa de alguém, que se delicia na contemplação d'uma figura airosa de creança ou de mulher: — meu lírio! minha papoula! meu amor-perfeito!



tomia estética. Póde bem dizer-se: nada ha na flôr que a mulher não tenha; nada se observa na mulher que na flôr não exista.

Nenhuma surpresa deve este conceito despertar no espirito humano. E' sedutora e maravilhosa a afirmação, mas são diversos os motivos que, ao fim de leve raciocínio, nos conduzem a convencer-nos da verdade da imagem.

Que a mulher é uma flôr não só o dizem o poeta e o so-



voz, a denunciar intenso amor ou verdadeira amizade: meu astro! meu sol! minha estrela!...

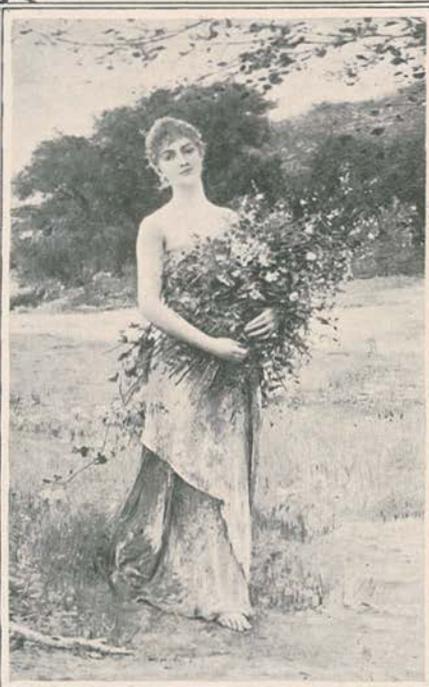
A flôr, como a mulher, acompanha o homem através de toda a existência. Começa por lhe enfeitar o berço de

— e depois, n'um mais enlevado enternecimento de

nhador, não só o concebem o filósofo e o pintor, não só o afirmam os namorados gentis, mas também o proprio povo, na ingenuidade encantadora da sua observação, a engrinalda com o mesmo epiteto.

recemnacido, e, desde então, não deixa jámais de lhe perfumar os seus dias de maior prazer, ou os de mais pungente amargor. A flôr apresenta-se nos

umas vezes como a mensageira portadora d'uma nota quente e alegre de intima felicidade, outras ve-



umas cinzas que-  
ridas.

Além d'esses, são constantes e variadíssimos os factos onde ela é a comparsa indispensavel e valiosa para revestir de poesia os mais insignificantes detalhes, servindo como de encanstrado subtil de grega para emoldurar todas as cenas.



Evoquemos o quadro mais simples: colher uma flôr.

Colher uma flôr é o começo d'um devaneio...

Olha-a e afaga-a entre os dedos, aspirar-lhe o perfume, é já vestir a alma d'um sonho.

Passal-a a umas segundas mãos, que a recebem e a colocam sobre o seio ofegante, é un-

zes sob a apparencia reveladora d'uma lagrima que entristece e que magôa.

Por fim, uma expressão sublime de toda a sua soberania, é ainda a flôr que se torna o testemunho da mais sentida paixão e saudade na hora final d'uma existencia, colocada necessariamente pelas mãos piedosas de uma mulher sobre o tumulo frio onde repousam



gir de esperança o sonho que nos amanhece n'alma.

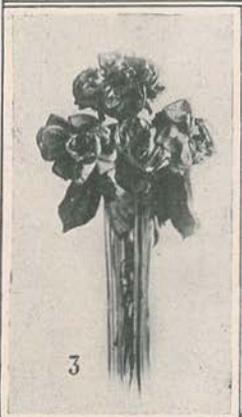
Em troca d'ela, receber uma segunda, é filtrar no próprio coração o influxo d'um segundo coração.

O sonho que se ungi-ra de esperança, desde esse momento tornou-se amor.

Se as duas flôres troca-

sem os enfeixarmos ambos n'um mesmo bouquet de considerações e de galanteios?

Se fossem precisas provas decisivas para fundamentar nos alicerces da verdade as afirmações com que identificamos os característicos das duas naturezas, creio que frisantemente



das eram mal-me-queres, o desejo de as desfolhar não nos sae do pensamento.

E então, no enlevo de mais e mais sublimar o sonho que nos prende, vamos dizendo: Mal-me-quer... bem-me-quer... muito... O resto que o digam as almas enamoradas.

Se a flôr e a mulher acompanham o homem em todas as étapes que o levam do berço á campa, como poderíamos falar de flôres, sem aproximar intimamente a natureza dos dois seres e

se exoriam em duas palavras. A flôr tem o perfume que nos enleva, a mulher tem o coração que nos seduz; uma tem a louçania das

suas corolas cromatisadas de graciosas nuances, outra tem o olhar sonhador vestindo de luz toda a nossa vida; e até mesmo quando a flôr se reveste de espinhos que nos podem ferir, a mulher iguala-a da mesma maneira, porque entrecorta, ás vezes, a apaixonada doçura da sua linguagem amavel com o veneno subtil d'uma ou outra frase que profundamente martiriza a alma.

ANTONIO MARIA LOPES.

## NO SALÃO DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA EXPOSIÇÃO D'ARTE

Depois da exposição José Campas, que tanto sucesso obteve, um certamen não menos curioso se fez no salão da *Ilustração Portuguesa*, que é um verdadeiro



A primeira das expositoras trabalha com tintas claras, prefere os assuntos delicados, os perfis femininos, figuritas loiras que surgem nas telas com um ar-



loca d'arte, no qual se tem reunido tudo quanto de mais seletto ha em Portugal.

Na nova exposição apresentam as sr.<sup>as</sup> D. Mily Possoz e D. Alice Rey Colaço alguns trabalhos que bem denotam as suas tendencias artisticas e a grande força de vontade postaa ao serviço d'estudo perseverante.

sito doce. Por vezes, como a sua companheira, mostra hesitações, mas não ha duvida que no futuro conseguirá um lugar de destaque, porque quem faz semelhantes trabalhos não póde deixar de obter distincões merecidas.

A sr.<sup>a</sup> D. Alice Rey Colaço, muito nova tambem, tem a predileção dos

1. Mademoiselle Rei Colaço.—2. Mademoiselle Possoz.—3. Entre amigas por mademoiselle Possoz.—4. Retrato de mademoiselle M. A. C. F. por mademoiselle Rey Colaço.—5. Entre amigas, quadro de mad.le Possoz

assuntos vivos. vê-se que ama a natureza, que a sente e vibra com as suas manifestações.

do cubismo e do futurismo, que tem a sua equivalência literária no nefelibatismo, porém a verdadeira arte



1



2



3

Tem um golpe de vista seguro, uma idéia da verdade como quando pinta essa manchasita das ovarinas e aquela vendedeira de fruta flagrante e bem desenhada.

O tempo vaê de endências para os generos exóticos da pintura, para as notas desequilibradas



ha-de ser sempre aquela que nos der a nitida impressão da vida.

As duas novas artistas, por maneiras diferentes, uma mais fantasista, outra mais exata, conseguem prender as atenções com os seus trabalhos.



6

1. *Creada cozendo*, por mademoiselle Possoz.—2. Retrato do ilustre pianista Rey Colaço, por mademoiselle Rey Colaço.—3. *A capela na Quinta do Torneiro*, por mademoiselle Possoz.—4. *Trecho do convento de Santo Antonio*, (Estoril) por mademoiselle Possoz.—5. *Vendedora de fruta*, por mademoiselle Rey Colaço. 6. *Varinas*, por mademoiselle Rey Colaço.—(Clichés de Benoitel)



a Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro

Mas, sempre forte,  
 Mais firme que a desgraça e mais certo que a Morte,  
 Desfraldar, a sorrir, sobre o Destino,  
 A gloria de crear, o orgulho de vencer,  
 E brandindo-os nas mãos como fachos a arder  
 Entre a nevoa cerrada,  
 Deixar curvar o seu clarão divino  
 Para a lama da estrada!

Ah! todos nós  
 — Nós que vivemos para além da propria Vida—  
 Somos o mesmo gesto, a mesma ansiosa voz!  
 Alma de febre—em febre e em dór é consumida,  
 E, moribundos já, quanta ilusão transida  
 Vem aquecer-se ainda em nós!

Por isso—parte...  
 Segue o teu sonho, o teu desejo, a tua arte,  
 Vae, minha Irmã!  
 A dór—que importa? O que te importa o sofrimento?  
 Só o tedio é banal, só a mentira é vã,  
 Só a gloria sem luta é que pôde cansar-te!  
 Veste de esforço o teu inquieto pensamento  
 E, sem receio, parte!

Hesitas ao sentir que é tão sósinho  
 O rumo em que se perde a tua aspiração?  
 Invejarás talvez a morna quietação  
 Dos que morrem a olhar, medrosos, sem coragem  
 A audaciosa viagem?  
 Deixa-os temer, deixa-os morrer, deixa-os ficar!  
 O seu medo, repára, é mais do que mesquinho,  
 Teem almas, bem sei, mas só para esquece-las,  
 E não vêem sequer que o pó do teu caminho  
 E' poeira de estrelas!

JOÃO DE BARROS.

A tua ancia,  
 O teu desejo de partir é, nos teus olhos  
 Como um barco a fugir entre espumas e escolhos  
 Para a livre distancia...

Oh! a evasão  
 Por uma noite violenta de invernia,  
 Quando o vento sacode e fustiga a energia,  
 E as nobres aves migradoras vão  
 —Buscando regiões de calma—  
 Entre o ceo em tormenta e as ondas em cachão!

Depois—a Vida...  
 Ser muito amada, ser desiludida,  
 Amar, sofrer, odiar.  
 N'uma hora de amor aprender a chorar,  
 Matar com beijos a quimera apeteçida...  
 E, quando enfim te exalte um grande sonho puro,  
 Despedaçar contra o misterio do Futuro  
 A ambição—insofrida!



João de Barros. (Cliché do sr. Antonio C. Santos).

ATUNA DA UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA

EM DIGRESSÃO PELA  
MADEIRA

A tuna de Coimbra  
resolveu ir á ilha da  
Madeira dar alguns  
concertos, cujo pro-  
duto se destina ao  
cofre dos estudantes

pobres da Universi-  
dade.

E' este um ato de  
verdadeira filantropia  
e camaradagem digno  
de registo.



1. Sr. Almeida Cardim, presidente da direção da Tuna.—2. sr. Manuel Rodrigues, regente da Tuna.—3. Sr. Americo Correia da Silva, delegado da Tuna no Funchal.—4. Sr. Paulo Cantos, secretario.—5. Sr. Caldeira Coelho, presidente da Tuna.—6. Sr. Antunes Lemos, tesoureiro.—7. Sr. Cezar Fontes, da direção.  
8. A Tuna Academica de Coimbra (Clichés Gabriel Tinoco)



# FIGURAS E FACTOS



Ha muito que o Porto não via um successo teatral tão grande e tão legitimo como o obtido com a opereta *Flôr da Rua*, feita em bom português, cheia de situações esplendidas e ornada de musica impressionante.

A companhia do teatro Carlos Alberto, que a representou, colheu, bem como os autores da peça, fartos aplausos



Concepcion Robles é, na companhia Rosario Pino, a primeira figura, depois da celebre atriz. Em todas as peças que representou no Republica salientou-se de uma maneira admiravel, tendo o publico subli-

nhado bem os aplausos que lhe eram destinados. A arte hespanhola tem, na encantadora e talentosa atriz, uma continuadora da gloria das suas mais illustres artistas.



1. A illustre escritora brasileira, D. Julia Lopes d'Almeida, a Mestra consagrada do romance brasileiro e que visitará Lisboa—2. Concepcion Robles, uma das primeiras figuras femininas da companhia Rosario Pino e que tanto se salientou no teatro da Republica—3. Sr. Carvalho Barbosa, autor da letra da opereta *Flôr da Rua*—4. Sr. Fernando Moutinho, autor da musica da opereta *Flôr da Rua*—5. Sr. Arnaldo Leite, autor da letra da opereta *Flôr da Rua*, em cena no Carlos Alberto de Porto.

Marcelino Mesquita é o dramaturgo português de mais talento, o mestre que soube ganhar com a sua arte o grande logar de destaque que tantos disputaram e a que poucos ascenderam.

Toda a sua obra está cheia d'essa faísca deslumbrante que seduz e arrasta o publico, todas as suas figuras tem beleza e em todo o seu teatro ha paixão.

Ele com o mesma facilidade faz o teatro historico e os dramas pungentes da atualidade, o *Regente* como a *Dôr Suprema*, a *Leonor Teles* como o *Envelhecer* e deixa



1. Marcelino Mesquita, o grande dramaturgo cuja festa d'homenagem se realisou, no teatro Nacional, com a 200.ª representação da sua peça *Peraltas e Secias*.

sempre impressionados os espectadores.

Com um pouco de atmosfera d'uma época e o seu grande talento, escreveu os *Peraltas e Secias*, rendas leves esvoaçando em torno d'um fragil motivo, e essa peça adoravel conseguiu subir duzentas vezes á cena por entre os aplausos da multidão.

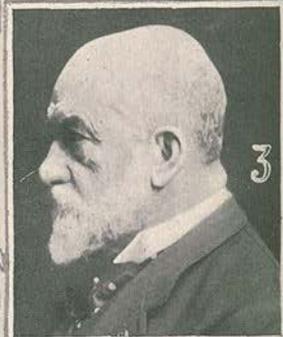
Foi com esta peça que o Teatro Nacional lhe prestou ha dias a sua homenagem, na qual Marcelino Mesquita sentiu bem quanto é querido e admirado, sendo felicitado pelo presidente da Republica.



As sr.ªs 1. D. Julia Viamonte. 2. D. Maria José Viamonte. 3. D. Maria J. Freja Ramos. 4. D. Maria do Espirito Santo Correia de Matos. 5. D. Maria da Conceição Correia de Mattos, promotoras de uma *soirée*, em sabado de aleluia, nos salões da Assembléa de Guimarães, dedicada aos rapazes da primeira sociedade, demonstrando assim que a velha cidade renasce para a alegria sob o influxo gentil da sua sociedade elegante.

# UM GRUPO DE

# MESTRES DE PINTURA



O sr. Ladislau Parreira, illustre official revolucionario, foi investido no comando do *Vasco da Gama*, que lhe foi entregue

pelo capitão de mar e guerra sr. Almeida Lima, que foi nomeado presidente da comissão de pescarias.

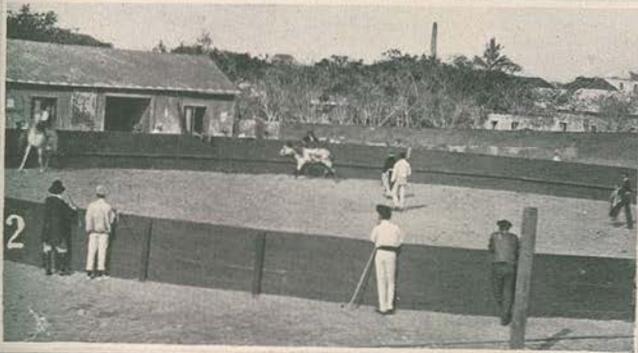
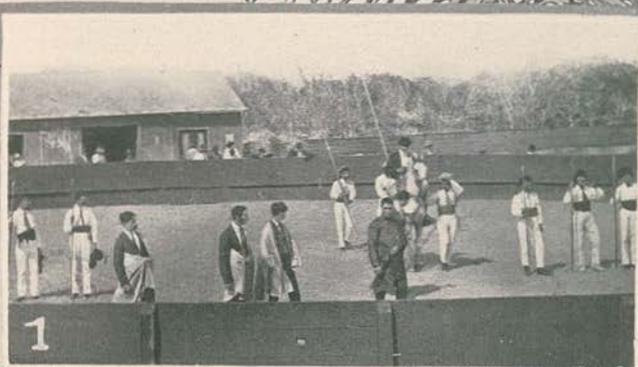


Os professores do distinto pintor José Campas, que fez a sua exposição no salão da *Ilustração Portuguesa*. 1. Jobbe Duval. 2. João Paulo Laurens. 3. Leon Bonnat. 4. Carlos Reis. 5. O novo comandante do *Vasco da Gama*, sr. Ladislau Parreira, tomando posse do seu cargo.—(Cliché de Benoliel)

# VIDA COLONIAL

## Em Loanda

Nas nossas colônias não deixa de haver grandes afeccionados do toureiro. Ainda há pouco, em Loanda, uma comissão composta pelos srs. João Emilio da Cunha, J. Garcia de Moraes e Virgilio Ramos,



1. Uma tourada.  
—2. Aspeto da praça

levou a efeito uma tourada, que decorreu animadamente.

O velodromo foi armado em praça de touros e uma elegante assistência encheu os logares, tendo os amadores que tourearam fei-



3. A comissão promotora da corrida. (Clichés do distinto fotografo e mada r sr. Anselmo Dias, antigo correspondente do *Seculo* em Vinhaes.

to algumas sortes de valor.

Na turalmente vão continuar essas funções que tanto agradam aos portugueses e constitui em realmente um forte sport.

## Na Lunda

### Em N'Dala Quinguangua

Na Lunda, uma das povoações que mais se destaca pelas suas condições de vida é a de N'Dala Quinguangua.

Cheia de pitoresco, tem uma grande quantidade de colonos portugueses que ali se instalaram e lhe tem dado um grande desenvolvimento.



De resto, na nossa Africa, a Lunda tem um futuro prospero e tem sido tambem das mais cuidadas colonias, aproveitan-



1. Uma manada no pasto.
2. A galera do distrito, puxada por dromedarios.
3. Um trecho da estrada de Malange ao Inela em N'Dala Quinguangua.
4. A galera do distrito a caminho.

do-se-lhe as condições naturaes, fazendo-se instalações uteis e praticas, que contribuem para o seu progresso.

Por toda a parte, e em virtude d'uma propaganda acerrima, se trabalha no avigoramento das colonias, chamando para elas as correntes emigratorias nacionaes, o que dará, dentro em pouco, ótimos resultados.



(Clichés do distinto amator sr. Luiz Coutinho)

# AINDA A FESTA DA ARVORE

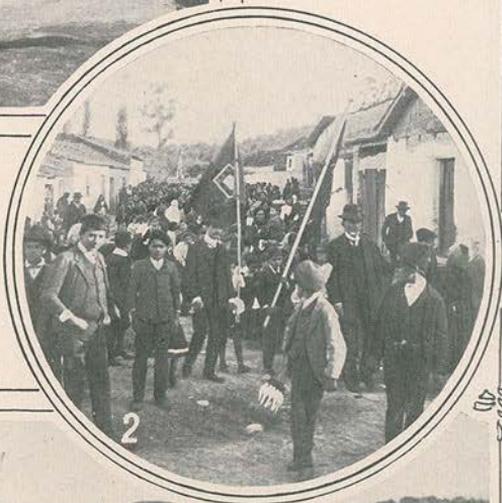
Em Tomar, Vila Pereira e Figueira da Foz



1. Um aspéto do festa da arvore em Tomar.

Em Tomar a festa da arvore revestiu grande imponencia assim como em toda a região extremenha.

Na Figueira da Foz a cerimonia realisou-se na parada do quartel de artilharia 2, tendo



concorrido muito para o seu brilhantismo a Associação Fraternal Militar, a que preside o coronel sr. José Maria Luz d'Almeida.

Tambem em Vila Pereira houve deslumbrantes festejos ficando, como por toda a parte, os manifestantes tão encantados como os espectadores.



2. Em Vila Pereira: O cortejo passando na rua Nova. (Cliché do sr. Juvenal de Carvalho.—3. Na Figueira da Foz: 800 creanças das escolas aterrando a arvore - parte do regente agricola sr. Alberto Ceia, que fez a apologia do culto da arvore.

# NO PORTO



Em todo o distrito do Porto revestiu a cerimonia da festa da arvore uma grande imponencia, sendo muitas as centenas de creanças que assistiram ás diversas ceremonias.

Foram distribuidos varios impressos onde se propagava o culto da arvore e que os pequenitos atenta-



mente leram tendo recebido com o ato e com a propaganda uma esplendida lição moral. O *Seculo Agricola* com a sua iniciativa prestou um grande serviço e a sua obra digna de ficar registada. O successo das sete mil festas realizadas em todo o paiz foi colossal.



1. Na esplanada da Serra do Pilar: Antes da formatura. — 2. Grupo de alunas da escola central de Santo Ildefonso. — 3. Alunos das escolas da Foz entoando a *Portuguesa*.

# EM SINES E PENAFIEL



1. As crianças cantando o hino á arvore.—2. O cortejo na rua Serpa Pinto em Sines. (Clichés do sr. José Monteiro Guerreiro.—3. Em Penafiel: A cerimonia da plantação da arvore, a que assistiram os srs. Coronel Guimarães; Joaquim Tomé, da Associação Commercial; dr. Anibal Louzada; tenente Miranda, administrador do concelho; capitão Silva; Vicente Cruz; Augusto José Ferreira; capitão Serrano.

# EM OVAR



cola. Em toda a região, mesmo nos mais modestos lugares, se realizou a festa com brilho e entusiasmo.

Em Ovar também as festas da arvore revestiram um inexcêdível brilho, cantando as creanças o *Hino da Arvore* e a *Sementeira*.

Quando terminou a cerimonia da plantação, o sr. dr. Pedro Chaves, presidente do municipio, fez um discurso enaltecendo a arvore e mostrando toda a sua utilidade.

Por fim distribuíram-se doces aos pequenitos, continuando ainda a festividade com uma sessão de animatografo no Salão Olimpia, tendo falado o professor, sr. Castro Sequeira, que enalteceu a iniciativa do *Século Agri-*



1 O sr. dr. Pedro Chaves, presidente da camara municipal, falando ás creanças, no dia da festa da arvore, diante do sr. dr. Alberto Tavares, administrador do concelho. (Cliché do sr. H. S. Ribeiro)—3. Algumas das creanças das escolas d'Ovar, no largo 5 de Outubro, no dia da festa da arvore—2. As creanças da escola Conde de Ferreira, de que é professora a sr.<sup>a</sup> D. Gracinda Marquês dos Santos, plantando uma arvore.

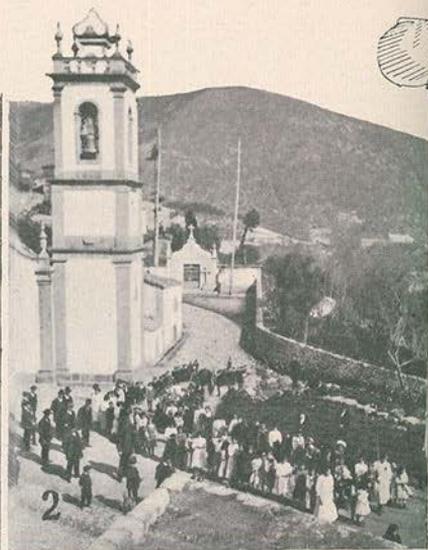


Em Ceia e Antorede tambem a festa da arvore teve um grande brilhantismo, deixando encantados todos os que a ela assistiram e decorrendo no meio do maior entusiasmo.



1. Alguns dos alunos que tomar amparo no cortejo, vendo-se a seu lado os srs. Jorge Fernandes, administrador do concelho, e o professor José Maria Ribeiro—2. Em Ceia: O elemento official no cortejo civico. (Clichés dos srs. Correia & Moreira—3. Em Antorede: Os alunos plantando a arvore. (Cliché do sr. Paixão).

# EM MANTEIGAS E PINHEL



Na Praça de Camões em Manteigas: Um aluno recitando uma poesia.—2. O cortejo a caminho do hospital. (Clichés do sr. J. Serra)—3. Em Pinhel: Grupo de escolares entoando o hino da arvore, sob a regencia do habil amador musical sr. José Pala.—4. Exercícios de ginastica sob a direcção do sr. Ribeiro.—5. A cerimonia da plantação da arvore, sendo esta lançada a terra pela menina Maria Agostinha.—6. Grupo de professores e professoras de Pinhel e a comissão dos festejos da plantação da arvore.—(Clichés do sr. F. Henriques)



Tambem em Guimarães se efetuou, no dia 9 de março, a festa da arvore, cuja iniciativa, verdadeiramente digna de louvor, se deve ao Se-



1. Festa da arvore no Pragal: O desfile das creanças. 2. O culto da arvore desde os primeiros mezes.—3. A festa da arvore em S. Torcato (Guimarães) (Clichés do sr. M. Silva Leite, solicito correspondente do *Seculo*)

**culo Agrícola.** O cortejo, cujo desfile era presenciado nas diversas ruas que percorreu por centenares de pessoas, dirigiu-se para o campo do Salvador, fronteiro ao historico castelo, onde deviam ser plantadas as quatro arvores que tambem figuraram n'aquelle desfile encantador.

4. Depois da distribuição do lunch. As creanças e o publico assistindo á plantação da arvore em S. Torcato.

# EM GUIMARÃES E NA BARCA DA AMIEIRA

Nas mais pequenas terras da provincia se celebrou a festa da arvore seguindo-se a iniciativa do *Seculo Agricola* nas



vesperas da primavera.

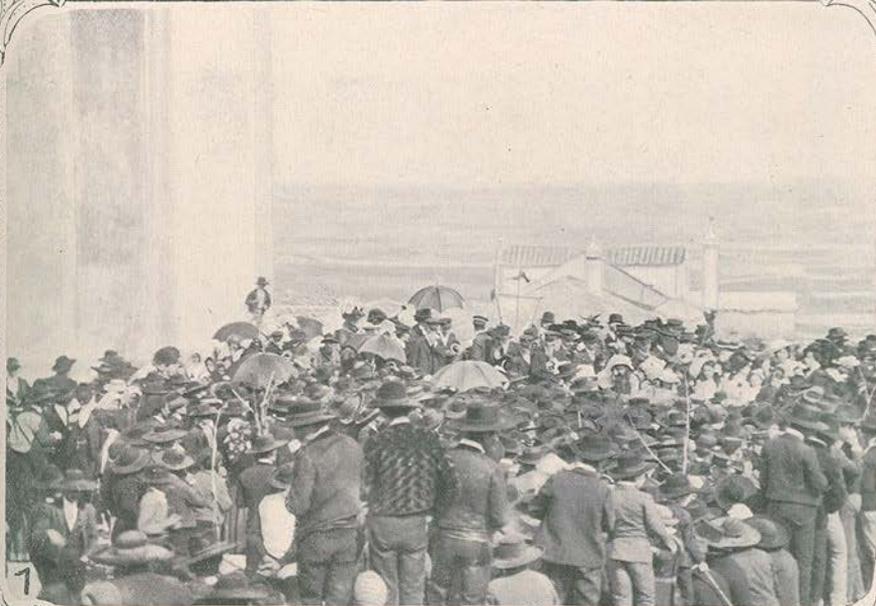
Tornou-se digna de registro a fórma porque na Barca d'Amieira as festividades decorreram.



1. Em Guimarães: As crianças da escola Central com o seu professor, sr. Mario Vieira, executando exercicios de ginastica succa. (Cliché do sr. Teixeira Alves)—2. A plantação da arvore em Barca da Amieira. (Fotografia enviada pelo solicito correspondente do *Seculo*, sr. Antonio Silva Barata)—3. Em Guimarães: A plantação.

4. O cortejo em Guimarães. (Clichés do sr. Joaquim Teixeira Alves, distinto fotografo amador.)

## EM ALJUSTREL E ELVAS

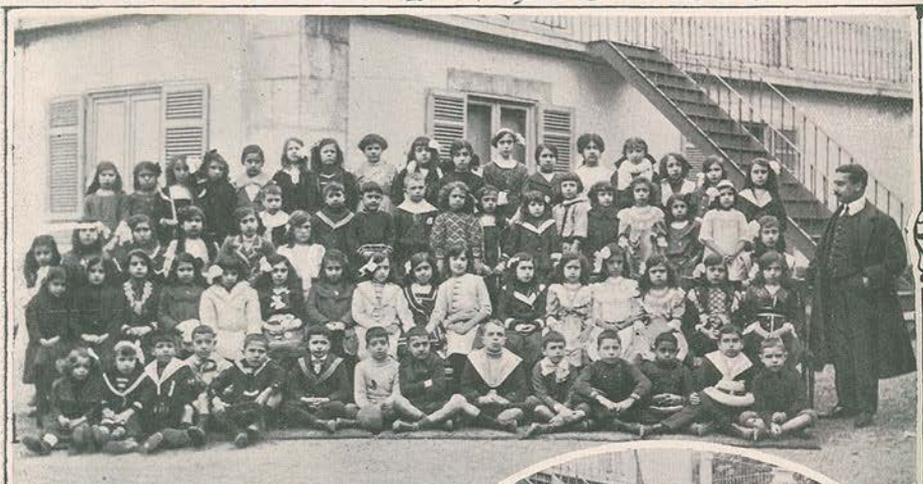


1. Arpêto da festa da arvore em Aljustrel.



2. Cortejo civico com 684 creanças na festa da arvore, em Elvas.

## EM ALGES E PAÇO D'ARCOS



Nos arredores de Lisboa as festas da arvore foram tambem muito importantes, sendo as cerimoniaes promovidas em Algés pela



Liga dos Melhoramentos da localidade.

O orfeon entoou o hino de *Homenagem ás Arvores*, composição do sr. Salgado do Carmo e que foi muito aplaudido.



2. O sr. Salgado do Carmo e o grupo musical que foi organizado em Algés.—1. Orfeon escolar organizado para a festa da arvore em Algés.—3. O grupo infantil Primavera, que colaborou na festa da arvore com o seu ensaiador sr. José d'Oliveira Raposo.—4. Lanche das creanças na Avenida Marquez de Pombal, em Paço d'Arcos.—5. Outro aspéto do lanche em Paço d'Arcos. (Clichés do distinto fotografo sr. Adriano Silva)

EM MATOSINHOS,  
MIRA E  
MOURISCA



1. Na festa da arvore em Matosinhos: O grupo da esfolhada nas escolas da Senhora da Hora. (Cliché do distinto fotografo sr. Joaquim Carvalho)

A festa da arvore promovida pelo *Seculo Agricola* tambem teve em Matosinhos, Mira e Mourisca



2. Mira: A festa da arvore na praça da Republica. (Cliché do sr. Pompilio Pessoa.)

um grande brilho, mercê dos esforços do professorado e das comissões locais que para esse fim se organisaram.



3. A festa da arvore na Mourisca. (Agueda). As creanças e as comissões no largo da Trofa (Fotografia do sr. Manuel Joaquim Meias)

A EXPOSIÇÃO D'ARTE APLICADA  
DO  
« SUPLEMENTO  
DE MODAS  
& BORDADOS »

O *Suplemento do Seculo de Modas & Bordados*, ao aparecer, causou verdadeira sensação. Tornou-se desde logo na publicação querida das senhoras que lhe dedicaram as maiores atenções. O brilhante semanario corres-



pondeu á gentileza das suas leitoras, promovendo ha tempo uma exposição que ficou memoravel e com que inaugurou os seus escritorios, e á qual se seguiu outra que chamou grande concorrência feminina dos nossos meios



elegantes e que se realizou na semana passada.

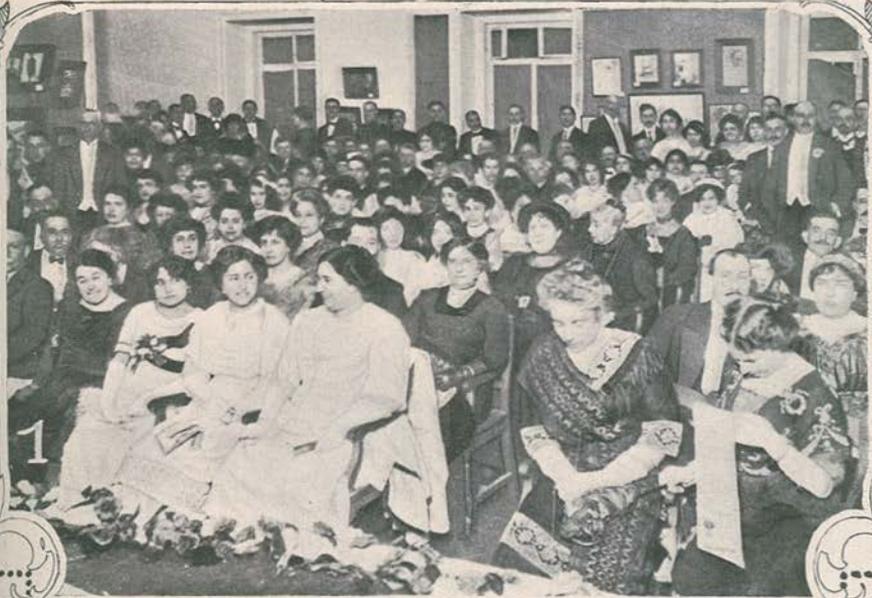
Tratava-se d'um certamen d'arte aplicada em que apareceram esplendidos objetos, dignos de elogios, verdadeiras obras d'arte em pintura a oleo, esmalte, pirogravura, coroplastia, metaloplastia, fotopintura, tassa, cloutage, fotominiatura, etc.

Muitos dos trabalhos expostos eram cheios de originalidade, mostrando as aptidões das gentis expôitoras.

1, 2, 3 e 4. — Trechos da exposição, vendo-se no primeiro a sr.ª D. Albertina Paraizo.

# Centenario de Verdi no salão da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

FESTA D'ARTE PROMOVIDA POR MADAME MANTELLI



No salão da *Ilustração Portuguesa* realizou-se uma festa deslumbrante, como já th'a muito não se fazia em Lisboa, e á qual assistiu a primeira sociedade.

A ilustre cantora, madame Mantelli,

acompanhada pelas suas discipulas, celebrou com trechos das operas de Verdi o centenario do grande musico que a Italia comovidamente adora e o resto do mundo admira.





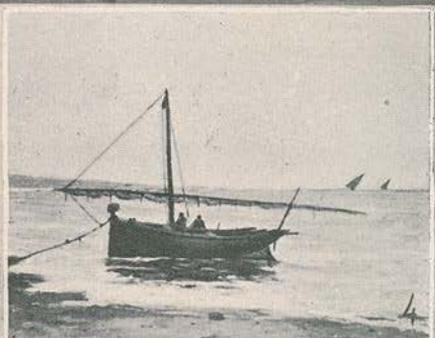
As discípulas de madame Mantelli, que tomaram parte na festa do centenario de Verdi. Primeiro plano: Madame Couto, mademoiselle Fontana, mademoiselle Steck, madame Pereira, madame Mantelli, madame Lisboa de Lima, mademoiselle Barreto, mademoiselle Machado Silva e mademoiselle Oriza da Silveira. Segundo plano: Mademoiselle Fonseca, mademoiselle Peri de Linde, mademoiselle Guimarães, mademoiselle Sampaio, mademoiselle Metello Antunes, mademoiselle Andréa Ferreira, mademoiselle Neto Afonso, mademoiselle Ferrão, mademoiselle Aboim Idanha, mademoiselle Almeida, mademoiselle Cid, mademoiselle Araujo Rezende e mademoiselle Brandão. Terceiro plano: mademoiselle Leitão, mademoiselle Lima Cunha, mademoiselle Medeiros, mademoiselle Pereira, mademoiselle Pires Marinho, mademoiselle Castelo Branco, mademoiselle Rebello, mademoiselle Eissen, mademoiselle Carneiro, mademoiselle Borçalo Pinheiro, mademoiselle Ribeiro da Costa, mademoiselle Ribeiro de Souza. Quarto plano: mademoiselle Pacheco da Soares, mademoiselle Santos Guimarães, mademoiselle Serpa Castel-Branco, mademoiselle Cicilia Rivara, sr. Alfredo Pinto (Sacavem), mademoiselle Alice Rivara, sr. Raul de Lacerda e mademoiselle Feio.

# BELAS ARTES

A exposição anual do pintor sr. Tomaz de Melo e da sua discipula, sr.<sup>a</sup> D. Emília da Silva Pereira, instalada no Sa-



lão Grande-la, obteve, como de costume, um lisonjeiro resultado, tendo sido visitada por centenas de pessoas.



1. Sr.<sup>a</sup> D. Emília da Silva Pereira—2. Sr. Tomaz de Melo—3 e 4. Trechos do rio, pelo sr. Tomaz de Melo e pela sua discipula sr.<sup>a</sup> D. Emília da Silva Pereira—5. Caricatura do sr. João Correia d'Oliveira.—6. Sr. Almada Negreiros—7. Judite, por Almada Negreiros.—8. Um corner de football, por Almada Negreiros.

# Figuras e Factos



1. Sr. Barros e Silva, jornalista e empregado publico.
5. Sr. Tenente Cruz e Souza. (Falecidos)

Em Palhavã realizaram-se diversas festas desportivas com numerosa concorrencia, tendo-se destacado sobretudo as provas do concurso hipico, que foram muito applaudidas.



4. Sr. Antonio Mendes, industrial e proprietario.
8. Sr. Daniel Santos lavrador. (Falecidos)

Outras festas de sport como esgrima, tiro aos pombos, corridas de bicicletas, se levaram a cabo com o mesmo brilho e com o mesmo entusiasmo.



2. Sr. Antonio Ferreira, comerciante.—3. Sr. Julio L. d'Andrade, conservador do Museu da Faculdade de Ciencias.—6. Sr. João Pedro d'Oliveira, 2.º oficial da Caixa Geral dos Depositos.—7. Sr. Jaime Gomes da Costa, cirurgião dentista.—9. Sr. marquez de Torricelli, correspondente de jornaes estrangeiros, recentemente falecidos.—10. Sport hipico em Palhavã: Alguns dos sargentos premiados.



1. O tenente-coronel sr. Antonio Lope Soares Branco, novo director da fabrica da polvora.



2

Na Escola Afonso Domingues, em Xabregas, realisou-se uma exposiçao de trabalhos dos alunos e que oi uma d s mais interessantes no



3. Sr. Francisco Felisberto Dias Costa, recentemente falecido.

seu genero. A direçao da escola está a cargo do ilustre pintor João Vaz, que com aquele certamen prova os cuidados que dedica á boa applicação dos alunos d'aquele notavel estabelecimento.



4



5



7



6

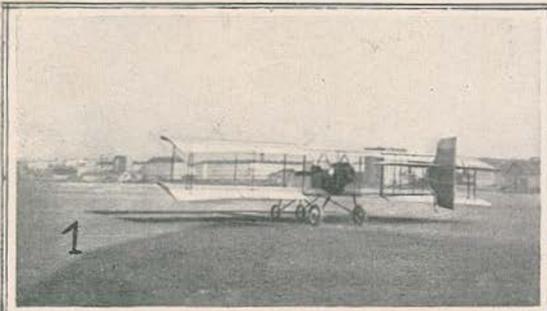
4. Sr. João Vaz, director da escola Afonso Domingues.—5. Aspeto da exposiçao dos alunos da escola Afonso Domingues em Xabregas.—6. Na Santa Casa da Misericordia: O ministro do interior na distribuçao de premios.—7. Algumas das creanças premiadas com as suas mães. (Clichés de Benoitel)

O *Seculo* mandou construir em França um novo hidroaeroplano com que honrará a sua oferta d'um d'esses poderosos engenhos ao governo portuguez.

Osorio, colaborador da *Ilustração Portuguesa*.

O piloto Rouget, com uma carga de 210 kilos e conduzindo ainda como passageiro o portuguez sr. Lima, elevou-se no aparelho a 1:500 metros e fez dois soberbos vôos planados, durando as experiencias uma hora.

Com a aquisição d'esta excelente maquina aerea, que dentro em pouco será entregue ao governo, o *Seculo* demonstra mais uma vez o seu patriotismo e a maneira como cumpre as suas promessas e leva a fim as suas iniciativas.



Não ha duvida que o novo aparelho é de grandes recursos e esplendidamente montado, como se provou durante as belas experiencias realizadas no aerodromo de Issy les Moulineaux.

Uma comissão de peritos, presidida pelo aviador Kikel,



1 e 2. O novo hidroaeroplano do *Seculo*.

O Instituto de Socorros a Náufragos mais uma vez premiou o heroismo dos marinheiros dos salva-vidas e d'outros benemeritos que arriscaram a vida em defeza do seu semelhante.

Na sala Portugal, da Sociedade de Geografia, sob a presidencia do chefe do Estado, se fez a entrega das medalhas e dos diplomas áquelles que salvaram os naufragos do *Veronese* e do *S. Rafael*, expondo-se a ponto de o proprio comandante d'aquele barco soltar, diante do seu ato heroico, palavras de sentida admiração.

Distribuiram-se tambem pensões, tendo os marinheiros recebido com este galardão o incitamento ao cumprimento do seu honroso dever.



da casa Deperdussin, verificou a precisão e a beleza do hidroaeroplano, estando presentes diversos brazileiros e portuguezes, e, entre elles, os srs. drs. Carneiro Ferreira e Lambertini Pinto, da legação portugueza, e Paulo



3. O patrão do salva-vidas é Leixões, sr. Joré Rabumba, que foi condecorado com tres medalhas d'ouro de Socorros a Náufragos, pelos serviços prestados quando dos naufragos do *S. Rafael* e do *Veronese*. (Cliché do sr. Alcide Guiffard)—4. A distribuição dos diplomas d'honra do Instituto de Socorros a Náufragos, pelo chefe do Estado, na Sociedade de Geografia. O sr. Hipacio de Brion, lendo a ata.